

# JUPITER

ORGAM LITTERARIO E CRITICO

REDATORES—DIVERSOS

N 13

Anno 1

Desterro — Domingo — 31 de Julho de 1837

ASSIGNATURA

Por msz ..... 200 rs

## JUPITER

Depois de uma longa hybernização de mais de quinze mezes em que andou divagando por mundos e idéas extranhas, reaparece o pequeno JUPITER, apoz de seu precursor e irmão das letras, para em concordia com elle e com os mais deuses occupar o seu posto, no grande conselho.

Aqui se trata ainda o ponto palpitante de bem cercar por todos os modos a nossa Ilha e Provincia mui formosas, para livral-a do halito pestifero e amortecedor do detestavel filho do perfido Ganges, que por toda a parte viaja despoçando os logares que percorre.

Graças ás boas Providencias do Governo Imperial, foi preservada, nossa Provincia, onde as Auctoridades respectivas tem merecido louvores por sua dedicação e zelo em bem dá Hygiene ou da conservação da saúde.

No seu humilimo posto o pequeno Jupiter está prompto a codjuvar os benefeitores de sua Patria, que tratão seriamente de preserval-a de tão grandes males.

## AS CEREJAS

(Victor Hugo)

Fui muitas vezes com ella,  
( Nunca mais e hei de esquecer ! )  
Da horta ao pomar frondoso  
Rubras cerejas colher.

Entre as ramadas virentes  
Seus braços gentis e claros  
Eram como os d'uma estatua  
Talhada em marmor de Paros.

Subia ligeira aos troncos  
Onde os suspiros da aragem  
Faziam tremer, de manso  
A rumorosa folhagem;

E entre as folhas palpitantes  
Pelo sopro vespertino  
Destacava-se, formoso,  
O seu collo alabastrine.

Curvando os ramos mais altos  
Colhia, co'a mão nevada,  
Os doces fructos, vermelhos  
Como as chammas da alvorada;  
Trepava, então, attráz d'ella,  
E o meu olhar incendido  
Descobria-lhe a alva perna  
Sob o ligeiro vestido.

Ella olhava-me sorrindo,  
Depois, accessa em vergonha,  
Uma cereja, entre os dentes,  
Vinha off'recer-me risonha

Chegava aos d'ella meus labios  
Como n' um vivo desejo;  
Mas o fructo despresando,  
Roubava-lhe um longo beijo.

Eu, CACETE—már de todos os tempos e  
companheiro de viagem do pequeno «Ju-  
piter» venho dar conta de nossa excu-  
rsão ao mundo da Lua, para que os nossos  
leitores quando lá forem, não se vejam  
em serios apuros como nós.

Ao chegarmos à primeira cousa que  
nos despertou a attenção foi uma grande  
Cova no centro um largo. Perguntámos o  
que significava aquillo e nos responderão  
que era um monumento elevado á memo-  
ria do primeiro soberano do reino Kats-  
cheralpavia. Que bom modelo para nossa  
Praça!

Continuamos a caminhar por algum tem-  
po e encontramos um homem coberto de  
douradas vestes e acompanhado por um  
numeroso sequito, cujos membros estavam  
vestidos da mesma maneira. Pensámos  
que fosse da familia reinante, mas nos  
dizerão logo que era o perpetrador de um  
grande crime, cuja sentença fôra a se-  
guente: «Andar vestido d'aquella manei-  
ra durante toda a vida.»

Aquella roupa era pertencente á fami-  
lia do criminoso para sua vergonha.

Se aqui acontecesse da mesma manei-  
ra, todos quereriaõ ter nã sua familia um  
criminoso, porque só assim terião vestes  
douradas.

Quanta verdade cá na terra!

Se algum individuo atreve-se a namorar  
a qualquer moça, é logo preso e condem-  
nado a receber uma recompensa mensal.

Ah! Olimpio andasse por lá, já era  
de certo milionario.

O unico jogo permittido lá é o bilhar,  
mas só aos vellos de mais de oitenta an-  
nos; porque as pernas servem de tacos  
e as bolas são feitas de miolo de pão.

Um individuo qualquer que é encontra-  
do a roubar no jogo, é obrigado a receber  
diariamente um sommé igual aquella  
que subtrahia.

Não ha policia porque os seus habi-  
tantes são muito pacíficos e lá um ou ou-  
tro caso que se dá é punido como vi-  
mos acima.

Lá no reino de Katscheralpavia só se  
falla a lingua da paz e quem vai fallar

uma lingua estranha é obrigado a andar  
com vestes douradas.

Depois de estarmos quinze dias lá vi-  
mos que o nosso aerostato havia se des-  
arranjado; e fomos obrigados a ir concer-  
tal-o, para sahirmos de lá no fim de do-  
ze mezes.

Quando subimos para o balão nos fi-  
zêro uma manifestação achicote, e que sen-  
timos muito, mas não podemos repellir  
perque assim se fazem as mais honrosas  
manifestações n'aquelle paiz.

Fazemos votos aos céos para que não  
sejamos obrigados a voltar lá.

Até outra vez!

K. Cete,

## PEDRO E SEU AMO

Molequel oh molequel!

Prompto, patrão.

Conta-me o que tem havido por este  
mundo de Deos.

Bailes e mais bailes, meu amo, bailes  
no Chafariz, emfim é quadra dos bailes.

Em um d'estes uma senhora alta, bai-  
xa, gorda, magra, faltando-lhe o par (na  
Europa) veio buscal-o no Chafariz. Veja  
meu amo, que valor tem os homens, que  
as damás ja brigão por causa d'elles.

E o que ha mais de novo?

E' que os nossos jornaes estão feitos  
melheoros, não vê o Jupiter, Matraca e  
outros?..

Não te mettas nisto moleque falla a  
respeito de outras cousas.

Bem. Os rapazes no Athenêu tem anda-  
do alvoreçados.

E mais o que?

Em uma noite destas encontrei-me com  
uma pandega ah! meu amo, quasi mata-  
rao-me, emfim a muito custo pude esca-  
par-me.

E' bem feito: a policia devia metter-te  
no xadrez.

Este é o bem que meu amo me deseja?

Até outra vez. eu vou ver o que ha de  
novo para contar domingo.

### OS NAUFRAGIOS E A ESTRADA DE FERRO

O grande sabio de nosso seculo que, traçando a mestra da vida com o mais judicioso criterio sobre os fastos da humanidade, adoptou o alto pensamento de Cleanthes acerca da desharmonia original das faculdades, para explical-os, dice com profunda verdade, que Deus nos Falla e Ensina com os factos, ou que estes são a sua linguagem para providentemente Dirigir-nos.

Tambem o Psalmista e a Egrejá cantão que os espiritos das procellas executão a sua palavra.

Os factos dos innumerados desastres que frequentemente occorrem com a navegação na perigosa Barra do Rio Grande do Sul e em toda a costa desde as Torres até o Albardão, até Malonado exigião peremptoriamente a execução da Estrada de ferro d'esta Provincia, onde ha bons portos e abrigos, para a Provincia de S. Pedro; e já se havia garantido o Contracto desta, porem a desordem e desharmonia das faculdades dos homens que devião ser mais sensatos e prudentes; depois de longos estudos assaz dispendiosos, frustrarão esse unico remedio contra taes desastres; e mai inspirado o Governo declarou em commissão esse contracto.

Continua

### Tedio

Cinge ao alvorecer seu diadema irradiante a meiga Sirius em pról da nuvem adorada em seu perimetro, desafiando quicça as extensões magnanimas de nossos olhos!

Bem haja ellã em uma unica restea luminosa sobre mim, compulsando a debil esperanza em sua clemencia, amortecida ao descortino incalculavel da sensibilidade que se retrae, da amisade que parece ofuscarse, da gratidão fóra das fibras de seu Cazulo: o coração!

Pendem além as Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

tas, fraqueza humana, machucam as fadinhas mimosas de suas grama mas resta o mamore ainda no enredo do seu crepusculo!

Desterro, 28 de Julho de 1887.

Frederico Sattamini

O Governo imprevidente  
Alimenta fatal erro,  
Embora naufrague a gente,  
Nada d'estrada de ferro.

### NOTICIARIO

Consta-nos que o Grupo dramatico 12 de Agosto dará hoje um espectáculo em beneficio dos captivos.

Comprimntamos aos seus membros por esta philantropica accção.

Finalmente realisou-se a infeliz nova do naufragio do Rio Apa.

Si não houvesse descuido por parte de quem competia providenciar talvez se salvassem todos.

Brevemente publicaremos o movimento do porto.

### ANNUNCIO

#### THEATRO S. FELIPPE

Domingo 31 de Julho

Pella primeira vez nesta Capital será representada a scena o magnifico, apparatuso e phantastico drama em 3 actos e 5 quadros de P. L.,

#### O CASTELLO DO DIABO

Os bilhetes achão-se a venda na casa do Secretario a rua da Tronqueira.

Desterro, 22 de Julho de 1887.

O lo Secretario, Olympio Cardoso da

## A PEDIDO

### O GATO BRANCO

Ao Snr J. M. S.

Ha um intruso caxei . . .  
Que appellidam —Gato Branco  
Que é bobo e por ser bobo  
NÃO expõe a sua lata

Este typo é um caxei . . .  
Um caxei . . . destruido  
Um caxei . . . que namora  
Sem ser bem correspondido

Com tua cara de cynico  
Passa na mão a bengalla  
E páda em certa rua  
Onde diz ter namorada

Bem certo é que o macaco  
Não olha para seu rabo  
Assim também me parece  
Este typo, este diabo

De proposito hei comprar  
Um ou dois bons cachorriños  
Para m atarem o gato  
Quando cruzar nos cantinhos

O gato branco é é . . .

Bicho que se dá com o pé

O guasca

### EM BIRRO

Com certo typo que tem as pernas mui-  
to finas; que por terem-lhe chamado de  
pernas finas suppu a terra, e de la voltou  
carregado de plihões;

O guasca

Com certos anjeitos com pena de 200rs  
por mez, andão proerando quem tem o  
Jupiter e com a cara de cynico dizem  
muito obrigado! muito obrigado!

Com certos meninos que acompañão as  
namoradas a passeio

Com certa menina da rua do Principe  
por querer ser melhor do que as outras.

Não seja boba

Com quem não é nosso assignante e tem  
que soffrer agora

La isto é!

Com as meninas que não sabem namo-  
rar

Com o Artur Rocha por dizer que não  
ha menina mais bonita do que a namor-  
da d'elle

Que simpathia!

Com migo mesmo por não dizer tudo  
que sei.

O Bilontra.

### CHARADAS

A Redacção do Crepusculo

Contractão de Zeus ou Theos — 1

Variacão de Pitri ou Pater — 2

Conceito

Fai dos Deoses, Rei dos Ceus

Que Titães com raio abate.

Fino, terroso—1

Ichol, sanie—1

Ane linane—1

E' luctuoso—1

Conceito

E' gentil Kaleidoscopo

Dá amena Litteratura

Que entre nos faz seu scopo

E ja brilha, ja fulgura

Nos labios da bella—1

Nos fios da espada—2

Conceito

Doçura singella

Dá cepa apertada

Da China é querida esta cantiga—1—2

Este vento do vestido é circulo—1—2

Offerece á deusa este presente—1—2

A setta n'esta contractão é golpe 2—1

Supprime o pezar que annulla—3—1